

## Experiências escravas na diáspora africana: saúde e doença nas *plantations* cafeeiras do Rio de Janeiro, século XIX<sup>1</sup>

Keith Barbosa<sup>2</sup>

### Resumo:

Os debates sobre a saúde e as causas das doenças dos cativos têm se constituído como objeto de estudos de pesquisadores de diferentes campos de conhecimento, revelando novas perspectivas a respeito de historicidades muito mais complexas do que até então se entendia. As informações sobre os sinais e sintomas de doenças e o delineamento das precárias condições de vida dos indivíduos escravizados, que tiveram suas vidas transformadas pela diáspora africana, apontam-nos para novas dimensões dos contextos de escravidão e dos seus personagens. Logo, a partir do encontro de reflexões em torno da história da escravidão e das doenças procuramos destacar nesta comunicação algumas possibilidades de investigação desses novos objetos de estudos em um contexto escravista do sul fluminense, importante área de expansão cafeeira do Rio de Janeiro Imperial.

Assim, com a análise dos processos de inventários *post-mortem* examinaremos importantes dimensões da vida escrava nas *plantations* cafeeiras do Vale do Paraíba fluminense. Investiga-se o conjunto de conhecimentos produzidos, sistematizados e disponibilizados para os cuidados da população escrava inserida em um cenário social de rápida expansão da economia cafeeira, que se caracterizou pelo crescimento demográfico e o incremento do tráfico atlântico no Brasil oitocentista. Os dados demográficos da população escravizada da região de Cantagalo revelaram-se um arsenal valioso de informações para a reconstrução dos cenários escravistas. Consequentemente, surgiu o interesse em desdobrar a investigação em torno das variáveis que condicionavam as elevadas taxas de morte entre os cativos, mapeando doenças e epidemias que assolavam os espaços em que aqueles circulavam. Nesse sentido, mundos da escravidão são revelados nessa importante paisagem social do Rio de Janeiro imperial, de cujas mudanças o trabalho escravo era peça-chave, permeando as experiências e as relações sociais tecidas entre esses trabalhadores e seus senhores.

**Palavras-chave:** escravidão; doenças; Vale do Paraíba fluminense; Brasil

---

<sup>1</sup> Algumas das discussões apresentadas neste artigo são fruto das pesquisas desenvolvida na minha tese de doutorado, *Escravidão, saúde e doenças nas plantations cafeeiras do Vale do Paraíba Fluminense, Cantagalo (1815-1888)*, defendida em agosto de 2014 pelo Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde – COC/Fiocruz.

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal do Amazonas (ICHL/UFAM). Doutora em História pelo Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde – COC/Fiocruz. Email: keithbarbosa@hotmail.com

*Enlevados em tantas belezas, não tínhamos prestado atenção ao caminho, quando de repente, saímos da cerrada floresta virgem e vimos um comprido e largo vale coberto de cafezais que se estendia diante de nós. À esquerda elevavam-se para lá da floresta penhascos cobertos de Cactáceas, enquanto que à nossa direita, acima de nós, começava novamente a floresta (PRÚSSIA, 1977, p. 86-87).*

A epígrafe acima apresenta o deslumbramento que o Príncipe Adalberto, da Prússia, sentiu ao avistar os primeiros cafezais de Cantagalo, Vale do Paraíba fluminense. Seu desejo de desbravar matas virgens da Amazônia o levou a penetrar diferentes paisagens até a chegada do destino final da sua viagem. Saindo do Rio de Janeiro no ano de 1847, sua excursão seguia os percursos de muitos viajantes do seu tempo. Cantagalo estava situada entre vales esculpidos pelos rios Grande, Negro e Macuco; a região de Cantagalo das Novas Minas dos Sertões de Macacu, assim nomeada em fins do século XVIII, já chamava a atenção das autoridades coloniais, proprietários de terras e posseiros. Era um território ainda não desbravado que, por suas potencialidades auríferas, tornou-se conhecido na região fluminense nas últimas décadas dos setecentos.

De acordo com Clélio Erthal, “se o ouro não passou de frustrante miragem, o café foi o portal que abriu, para os sertões macacuanos, uma era de esplendorosas realizações” (ERTHAL, 2008, p. 199), ou seja, a exploração aurífera impulsionou a rápida ocupação da região, mas foi o café que tornou os sertões de Macacu conhecidos nas duas margens do Atlântico. Foi devido à explosão da economia cafeeira nesse território encravado em uma zona serrana que o arraial foi elevado a Vila de Cantagalo em 1814. Projetou-se, assim, no cenário atlântico e atraiu os olhares de diversos indivíduos.

As ambiências de Cantagalo se caracterizavam pela facilidade de circulação por mar, já que seus principais rios, “descendo a borda da Serra, procuravam as baixadas litorâneas e alcançavam o oceano” (ERTHAL, 2006, p. 2). Isso facilitava a comunicação com outras regiões do território fluminense, aproximando-as. Além disso, a presença de uma esplendorosa floresta tropical naquele lugar foi outro importante fator que proporcionou a Cantagalo o cenário ideal para observação e investigação da vegetação, atraindo os investimentos de indivíduos impelidos em alcançar altos lucros com a economia cafeeira. Os fragmentos das narrativas registradas de visitantes estrangeiros, como as do Príncipe Adalberto, que no seu diário de anotações indica aspectos interessantes daquela banda oriental do Vale do Paraíba fluminense, revelam-

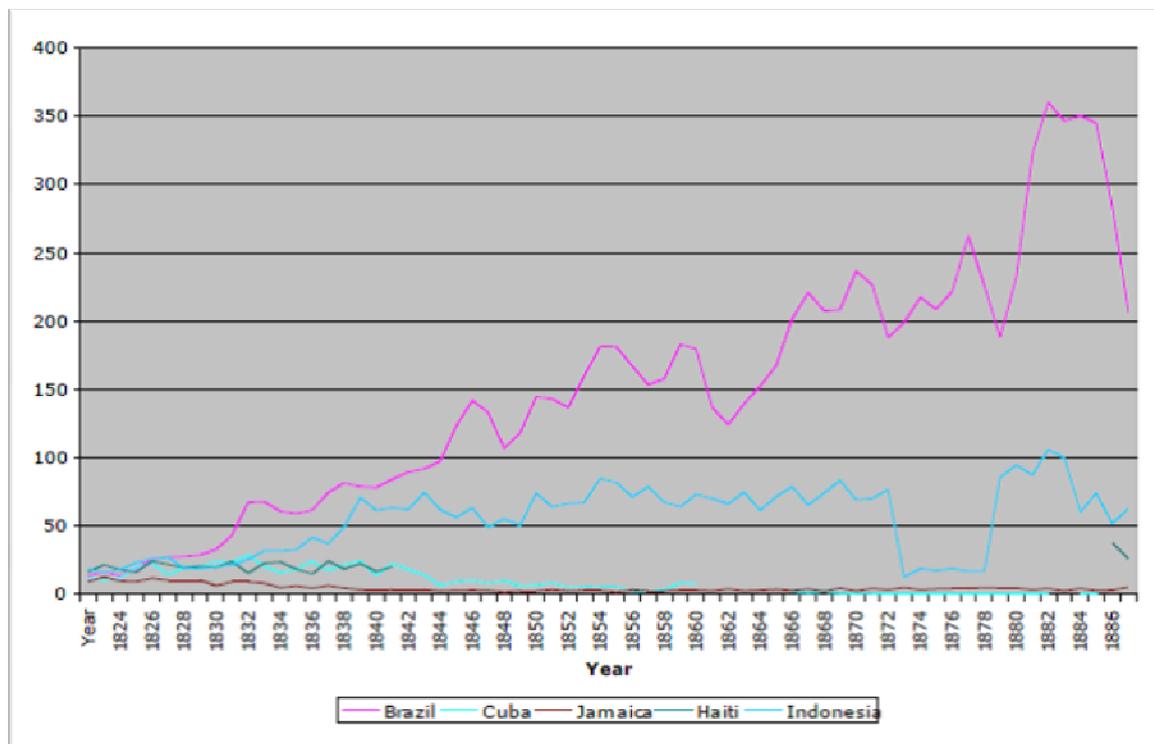
nos paisagens que despertavam o interesse de pessoas de fora. Não só estrangeiros, mas também colonos, proprietários de terras em busca de novos investimentos, trabalhadores livres e pobres acabaram por voltar a atenção para o Vale. Esses indivíduos cortavam os tortuosos caminhos que ligavam o litoral à serra em busca de aventuras, investigação da fauna tropical, descoberta de terras e melhores oportunidades de trabalho. Em pouco tempo, as clareiras abertas no matagal para as plantações e roças de arroz, cana, feijão, milho, mandioca, frutas e verduras que abasteciam territórios vizinhos davam lugar à produção cafeeira. Esta, devido à conjuntura favorável, começou a proporcionar, depois da década 1830, um rápido crescimento econômico ao local.

O complexo cafeeiro no Brasil foi montado no âmbito de um processo de longa duração e quadros mais amplos da economia nacional. Contudo, as décadas de 1820 a 1860 foram um período crucial de crescimento e consolidação da produção cafeeira. Moldava-se um quadro social em que as *plantations* do Vale do Paraíba compunham, na época, a importante geografia do café da região com sua produção voltada para a exportação. Os proprietários de escravos da região assumiam papel relevante na política e na economia do país e, já na segunda metade do século XIX, suas propriedades adquiriram “o caráter de típica região escravista de *plantation*” (TOMICCH, 2010, p.342-343). Configurava-se naquele contexto um cenário típico do trabalho escravo que se assemelhava a outros cenários internacionais. Logo, vislumbramos que no âmbito desse acelerado crescimento econômico e social, com a intensificação da produção de café voltada ao mercado mundial, concomitante ao aumento do tráfico negreiro entre as províncias do Império para abastecer as *plantations* cafeeiras do Vale, Cantagalo assumia um papel de destaque na economia fluminense.

Com relação aos ritmos e articulações da economia no Vale, a despeito da crise experimentada pelos territórios mais antigos de produção cafeeira no Brasil, Cantagalo representava, segundo Rafael de Bivar Marquese, “as novas zonas pioneiras”, que num ritmo dinâmico articularam-se rapidamente aos principais mercados mundiais do café, liderando suas exportações no território fluminense. Tais espaços compreendiam o “Vale do Paraíba mineiro (região de Juiz de Fora), [os] municípios orientais do Vale fluminense (região de Cantagalo), e o chamado ‘Oeste Velho’ de São Paulo, na região de Campinas e municípios vizinhos” (MARQUESE, 2011, p. 17). Dados mais amplos sobre as exportações de café indicam que, em 1821, o Brasil exportava o volume de 13 mil e 500 toneladas, e uma década depois, no ano de 1831, o volume exportado chegava a 67 mil toneladas de café. Comparativamente, a produtividade do artigo no Vale do

Paraíba, a partir da década de 1830, era três vezes maior que a produção caribenha e duas vezes a das Guianas (MARQUESE; TOMICH, 2009, p. 339-383).

Gráfico 1. Exportações mundiais de café em toneladas métricas, 1823-1888.



Fonte: Gráfico produzido por: MARQUESE, Rafael Bivar. *Op.cit.* 2011, p. 12. Adaptado de: Mario Samper & Radin Fernando, “Historical Statistics of Coffee Production and Trade from 1700 to 1960”. In: Clarence-Smith, W.G. & Topik, S. (orgs.). *The Global Coffee Economy in Africa, Asia, and Latin América, 1500-1989*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. pp.411-62.

Em decorrência dessa veloz expansão cafeeira na região, o valor do produto, cada vez mais alto, atraía o interesse dos comerciantes e um novo impulso de desbravamento transformava a paisagem social da banda oriental do Vale. As encostas das serras atlânticas eram tomadas por novas roças, iniciando a derrubada da mata e acirrando os conflitos pelas terras cultiváveis. Com o aumento do fluxo de cativos para a região, os produtores escravistas do Império do Brasil passaram a ter como preocupação principal as discussões em torno da administração dos trabalhadores escravos. Ainda segundo Rafael de Bivar Marquese, o controle dos trabalhadores cativos, no século XIX, refletiria “um quadro mental e material envolvido no ato de elaboração das ideias sobre o assunto” (MARQUESE, 2004, p.12). De fato, as reflexões sobre a gestão escravista contidas nos manuais agrícolas, fundamentais na análise de

Rafael de B. Marquese, indicam importantes evidências sobre a escravidão nas Américas. Assim, surgem questões como aspectos da moradia, alimentação, família escrava, entre outras. Para além da disciplina do trabalho, era preciso redimensionar o olhar para a vida do cativo (MARQUESE, 2004, p.379).

A prosperidade que marcou a região de Cantagalo a transformou no “coração da área de expansão cafeeira conhecida como sertões do Leste” (SALLES, 2008, p. 186). Com relação à evolução da população escrava, a região representava um dos mais importantes municípios do território do Vale do Paraíba fluminense, fruto de uma “nova economia escravista de grande lavoura na região Sudeste” (LUNA; KLEIN, 2010, p. 89). A consolidação da cultura cafeeira promoveu uma notável expansão da riqueza entre os proprietários da região e impulsionou o crescente fluxo de escravos que alimentavam as *plantations*. Enquanto, nos primeiros anos dos oitocentos, a região era relativamente ocupada, na segunda metade do século ela se caracterizava pela presença maciça de cativos africanos. Mesmo com a aproximação do fim efetivo do comércio desses escravos na década de 1850, muitos deles ainda eram importados pelos fazendeiros de Cantagalo.

Nesse quadro social particular, terras livres eram ocupadas e mais escravos eram utilizados para alimentar as grandes lavouras da banda oriental do Vale. Segundo Vinhaes, “fazendeiros de Cantagalo, sobreviveram com vigor às ‘agruras’ decorrentes da extinção do tráfico” (1992, p. 140) e, para isso, elaboraram estratégias a fim de manter a escravaria produtiva. Essas estratégias passavam, é claro, pelo âmbito da saúde desses trabalhadores. Alguns proprietários investiam em edificações para receberem os doentes escravos, outros contratavam os serviços de médicos, cirurgiões ou barbeiros<sup>3</sup> e compravam medicamentos nas boticas e farmácias da região. Tais indícios não traduzem um sistema de exploração mais ou menos cruel, mas revelam a diversidade dos espaços sociais em que atuavam senhores e cativos, e a complexidade de uma sociedade escrava que moldava o sistema de grande lavoura em um espaço social particular e em um tempo específico. Visto isso, nosso interesse aqui não é apresentar uma região escravista caracterizada por um melhor ou pior tratamento dispensado aos cativos doentes. É, sim, expor cenários de saúde e doenças desses cativos, que desnudam os arranjos empreendidos pelos senhores para assegurar a produtividade nas

---

<sup>3</sup> Cf. PIMENTA, T., DANTAS, R.. Barbeiros-sangradores no Rio de Janeiro oitocentista: transformações de um ofício. *Revista da ABPN*, América do Norte, 6, out. 2014. Disponível em: <<http://www.abpn.org.br/revista/index.php/edicoes/article/view/488/332>>. Acesso em: 29 Jun. 2015

*plantations* de Cantagalo. Nesses espaços que permeavam os complexos mundos da escravidão, conseguimos recuperar, a partir da análise de três processos de inventários *post-mortem*, as estratégias de sobrevivência tecidas pelos escravos de Cantagalo, além de observar aspectos dos acordos e negociações elaborados entre senhores e médicos, no empenho de preservarem seus próprios interesses.

### **Estratégias de cura**

Os cativos eram registrados nos processos de inventários de acordo com sua aptidão para o trabalho, relatando-se suas ocupações, laços familiares e condições de saúde. Contudo, as informações sobre a saúde e as doenças dos cativos muitas vezes não eram registradas com precisão nesses processos. Além disso, observamos também que nem sempre os inventariantes e os avaliadores, motivados por interesses diversos, indicavam com exatidão as condições de saúde dos indivíduos listados entre os bens inventariados. Considerando tais lacunas, avançamos no universo da vida escrava através dos indícios registrados nos inventários sobre os trabalhadores que receberam algum tipo de tratamento médico. Acompanhando o contexto econômico favorável aos senhores de escravos, marcado pelo movimento de expansão demográfica e territorial que caracterizou o pioneirismo de Cantagalo, despontam informações sobre o quadro de saúde dos homens que lutavam para sobreviver às mazelas da escravidão. O que emerge desse enfoque é uma dimensão da vida escrava marcada pela experiência da doença, que nos aproxima das senzalas de Cantagalo. Em outras palavras, a ênfase na história da *doença* e da *saúde* não se reduz à configuração dos dados quantitativos e à especulação dos diagnósticos, mas expressa um mundo mais amplo que os escravos vivenciaram. Este funciona como pano de fundo para nos aproximarmos das dinâmicas sociais tecidas no interior das *plantations* cafeeiras, moldadas pelo impacto da progressiva precariedade da vida escrava.

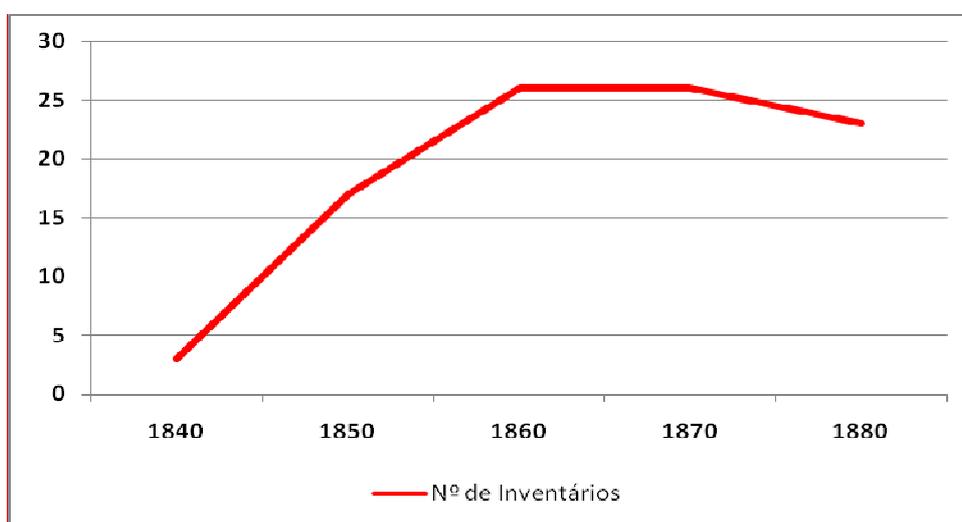
O gráfico abaixo representa o crescimento do número de inventários que passaram a registrar informações referentes aos tratamentos médicos dispensados aos trabalhadores escravos, além do registro de enfermarias e hospitais que eram construídos nas fazendas da região. No conjunto desses dados, os inventariantes registravam, nos processos, indivíduos atuando como médicos de partidos<sup>4</sup> nas fazendas

---

<sup>4</sup> Médicos que atuavam nas fazendas e municípios por contrato. Cf. COELHO, José Abílio. Facultativos dos Partidos Municipais: cuidados médicos prestados aos doentes pobres nos conselhos e nos hospitais.

da região, cuidando dos doentes e atestando a incapacidade dos escravos que não tinham mais condições de exercer seus ofícios. Desse modo, com a análise dos inventários *post-mortem* do município de Cantagalo no século XIX, identificamos que os primeiros registros datam da década de 1840, havendo um rápido aumento dessas informações nas décadas seguintes. Nesse universo, discutiremos, na próxima seção, algumas histórias expostas nos processos dos falecidos senhores de escravos Galiana, Sabino e Theresa, narrativas que demonstram a complexidade das relações que moldavam a experiência escrava em Cantagalo.

Gráfico 2: Proprietários que apresentaram gastos médicos para escravos em Cantagalo



Fonte: AMJERJ, Inventários *post-mortem* de Cantagalo, 1840-1888.

Avaliando o conjunto total desses dados, observamos que, nas principais freguesias de Cantagalo, destacavam-se também os boticários e suas *pharmacias* e, em alguns casos, encontramos, nos processos, recibos dos medicamentos que eram comprados pelos proprietários de escravos. Além disso, nota-se que uma complexa estrutura foi criada pelos fazendeiros para atender os doentes nas fazendas de Cantagalo, incluindo a construção de hospitais e casas de enfermaria. Afora os boticários e médicos, é possível identificar, principalmente nas décadas de 1860 e 70, indícios da presença de cirurgiões e de escravos que exerciam o ofício de enfermeiros e

barbeiros, absorvendo os investimentos dos proprietários para o tratamento dos enfermos. Desde já, poderíamos sugerir, para o Vale fluminense, que ocorreram transformações nas relações do trabalho escravo devido à alta de preços e à escassez de mão de obra, favorecendo a intensificação dos cuidados com a saúde da escravaria.

Tal processo teria levado proprietários de escravos a construir casas de enfermagem e hospitais para atender os doentes cativos nas suas fazendas, e a pagar pelo atendimento de boticários e médicos diplomados a esses cativos. Por exemplo, é importante destacarmos aqui a tese do médico alemão Reinhold Teuscher, apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1853. Tendo sido contratado para trabalhar em uma das mais ricas propriedades de Cantagalo, desenvolveu um estudo que indicou como o olhar das doenças revela estruturas dos cenários sociais transformados pela dinâmica escravista.<sup>5</sup>

Nesse quadro complexo de transformações das *plantations* localizadas na parte oriental do Vale do Paraíba Fluminense, em que se moldava um regime de escravidão pioneiro concentrado, Cantagalo se expandia e se fortalecia em detrimento de outras importantes áreas produtoras da parte ocidental do Vale, tais como Valença, Vassouras<sup>6</sup> e Paraíba do Sul. Surgem, assim, pistas interessantes sobre as experiências cativas.

### **Escravos, senhores e médicos *serra acima***<sup>7</sup>

Ao mesmo tempo em que o fluxo de cativos para as lavouras cafeeiras do Sudeste se intensificava, alimentando as *plantations* de Cantagalo, médicos e farmacêuticos seguiam o mesmo movimento de expansão *serra acima*. Estes últimos atores sociais buscavam, sobretudo, oportunidades de auferir mais lucros com o

---

<sup>5</sup> O médico alemão Reinhold Teuscher inicia sua narrativa descrevendo suas impressões e observações sobre as condições dos escravos que viviam em cinco fazendas da Comarca de Cantagalo. Tais informações ficaram registradas na sua tese *Algumas observações sobre a estatística sanitária dos escravos em fazendas de café*, apresentada em 1853 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para revalidação do título obtido na Friedrich Schiller Universitat, Jena (Alemanha). Suas observações compuseram um valioso conjunto de indícios sobre as experiências mais íntimas dos escravos no Vale do Paraíba, ressaltando características da população escrava em Cantagalo, que muitas vezes eram ininteligíveis às lentes do historiador.

<sup>6</sup> Fábio Pereira de Carvalho discutiu importantes aspectos da demografia escrava de Vassouras, chamando atenção para os conflitos e embates que moldavam as relações entre escravos e seus senhores, depois da segunda metade do século XIX, em uma região também transformada pela economia cafeeira. Cf. CARVALHO, Fábio Pereira. *Vassouras: comunidade escrava, conflitos e sociabilidades (1850-1888)*. 2013. 219 f. Dissertação (Mestrado em História Social)–Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013

<sup>7</sup> A expressão foi registrada por Mawe, conforme teria ouvido dos seus informantes: “Cantagalense é de *serra acima*, não gosta de farinha de mandioca; isto é para gente de serra abaixo, gente de Araruama – dizia em família o pai do autor destas notas, natural de Cantagalo” (grifo nosso). MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/ São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. p. 98.

enriquecimento dos senhores da região, oferecendo-se para tratar os doentes das ricas famílias e seus escravos.

As impressionantes paisagens das lavouras cafeeiras do Sudeste na segunda metade dos oitocentos despertavam o interesse de inúmeros visitantes. O naturalista norte-americano Herbert Huntingon Smith, em viagem ao Brasil na década de 70 do século XIX, salientou que as plantações de café eram os espaços ideais para a observação sobre o tratamento que os escravos recebiam dos seus senhores. Ao descrever os aspectos da vida social no Rio de Janeiro naquele período, indicou, em sua obra, interessantes imagens sobre os escravos trabalhadores das lavouras cafeeiras. Com um olhar atento às paisagens sociais transformadas por essas lavouras, Smith registrou cenas do trabalho escravo.



Figura 1. *Plantations Slaves*.

Fonte: SMITH, 1879, p. 469.

Nota-se que o movimento de cativos circulando pelas *plantations* de Cantagalo continuava com fôlego nos anos de 1870; a intensificação do comércio desses trabalhadores entre as províncias do Brasil moldava o perfil demográfico da região de Cantagalo e de outras regiões do Sudeste cafeeiro, chamando a atenção dos visitantes. Apesar de, inúmeras vezes, as lentes dos viajantes estrangeiros apresentarem uma visão que “sofria interferências de preconceitos culturais” (SLENES, 2011, p. 146), a afirmação de Smith de que aqueles espaços seriam privilegiados para a observação de aspectos da vida dos cativos nos é sugestiva, ou seja, nos faz reforçar nossa ideia de que

tais espaços seriam também locais privilegiados de observação das precárias condições de saúde e doença dos negros.

Nesse sentido, iniciamos nossa observação sobre o cotidiano da vida escrava com a análise do processo de inventário da finada Galiana Maria da Silva, aberto em 1862. Com a investigação do espólio dos bens de Galiana, uma proprietária que detinha uma pequena porção de terras foreiras na região central de Cantagalo, elucidamos uma dimensão do cotidiano das senzalas. A falecida Galiana morava num pequeno sítio, nos subúrbios de um local conhecido como Mão de Luva. Possuía apenas quatro cativos e, além de despender gastos com a moléstia de um cativo inocente, ainda fê-lo herdeiro universal de seus bens. Na ocasião da abertura do inventário, os escravos de Galiana eram Modesto, africano, 45 anos, trabalhador da roça que estava doente das mãos; a crioula Maria, registrada como velha; a inocente Maria, com cinco anos, e o inocente pardo Bernardino, com seis anos, eleito seu herdeiro. Alguns anos depois, em 1874, um recibo indica que o inventariante de Galiana pagou 12 mil e 600 réis por medicamentos ao boticário Henrique Halfeld, fornecidos ao “órfão Bernardino”. Uma segunda nota também registrou que o boticário fez visitas a esse mesmo escravo, quando estava doente. Mesmo nessa pequena propriedade, é possível apreendermos como a precariedade da saúde e o adoecimento permeavam dimensões do cotidiano da comunidade escrava de Cantagalo. O inocente escravo Bernardino, ao tornar-se herdeiro dos módicos bens da sua falecida senhora, recebeu a atenção de importantes boticários da região para tratar suas moléstias e passou a viver dos rendimentos do espólio controlados pelo seu tutor, Fortunato Barbosa Vellozo.

No inventário da senhora Galiana, foram lançadas as despesas e rendimentos dos bens que lhe restaram e anotadas informações sobre o corte no pagamento dos jornais de um preto que não trabalhou no ano de 1872, por sofrer de moléstias. Em 1873, esse mesmo preto teria deixado de trabalhar por um mês e, em 1874, por 15 dias. Já em 1875, permaneceu quatro meses doente, “quando caiu da Igreja” (AMJERJ, Inventário de Galiana Maria da Silva, 1862). Provavelmente, trata-se do preto Modesto, que, ao se ocupar de algum trabalho na Matriz da Freguesia, deve ter sofrido algum tipo de acidente. Contudo, a queda não parece ter sido a causa do afastamento do escravo. Apesar de já ser “velho”, ter adoecido das mãos alguns anos antes e sofrido uma queda, ainda foi atacado por outra grave moléstia. Em dezembro de 1878, o Dr. Joaquim Marques da Cruz, formado pela faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, informou que

o escravo Modesto, já descrito na avaliação dos bens como “doente das mãos”, padecia também de pneumonia. Vejamos:

“Atesto que o preto Modesto, maior de 60 anos, escravo do senhor Bernardino Emiliano da Silva, sofre de uma pneumonia crônica que se exacerba frequentemente acompanhada de [?] e priva-se de entregar-se a qualquer trabalho regular. O referido é verdade e o certifico sob o juramento de meu grau.

Cantagalo, 23 de dezembro de 1878.

Dr. Joaquim Marques da Cruz”

(AMJERJ, Inventário de Galiana Maria da Silva, 1862).

Dos escravos descritos como doentes ou defeituosos nos anos 1870, a história do preto Modesto parece melhor elucidar uma dimensão dolorosa do cotidiano desses homens e mulheres que habitavam os grandes cafezais. Já a história do pardo Bernardino, escravo em 1871, que se tornou Bernardino Emiliano da Silva em 1878, é reveladora. Herdeiro dos bens da sua falecida senhora, ele foi curado das moléstias que o tinham atacado quando criança no cativo, tendo frequentado as escolas de Cantagalo e recebido uma educação formal, como consta nos recibos anexados ao processo. Já Modesto, seu antigo companheiro de cativo, permaneceu ocupado pelas intensas tarefas que a condição de escravo lhe imputava, sofrendo de defeitos e das moléstias típicas que atacavam os cativos da região. Ao buscarmos mapear os cenários de saúde e doenças resultantes da exploração intensa do trabalho escravo, conseguimos nos aproximar do cotidiano dos negros em Cantagalo. As trajetórias polarizadas que transformaram as vidas desses dois indivíduos, que dividiram o mesmo espaço de cativo, validam o argumento do viajante Smith (1879) sobre como a observação do cotidiano dos cativos nas *plantations* cafeeiras é reveladora das múltiplas experiências da vida escrava.

A região de Cantagalo, que correspondia, já nos primeiros anos do século XIX, a 14,6% do território fluminense (ERTHAL, 2006, p. 1), no fim dos oitocentos ainda tinha um papel de destaque na economia da província. Como argumentou Eliana Vinhaes, até as décadas finais da escravidão, verificou-se uma escravaria produtiva em Cantagalo. Logo, poderíamos argumentar que a conjunção dos seguintes fatores: terras férteis disponíveis, farta reposição da mão de obra escrava e cuidados com a saúde dos cativos explicaria o sucesso de como “a economia cafeeira local resistiu bravamente,

superando dificuldades significativas para outros municípios” (VINHAES, 1992, p. 82-83).

Em termos gerais, as estratégias empreendidas por senhores, médicos e escravos agregam novas perspectivas analíticas para compreendermos os complexos cenários sociais que emergiram nos oitocentos. Uma economia de *plantation* que se estruturava em meio à competitividade econômica na produção cafeeira, com demanda constante por mão de obra cativa, pressão por terras férteis e, ainda, a necessidade de lidar com as questões inerentes à própria sobrevivência do sistema escravista, carecia de encontrar rapidamente meios para sustentar e garantir a expansão da riqueza dos seus investidores, os senhores de escravos e terras.

Nessa dinâmica de interesses, a questão da doença e da saúde que permeava os discursos e moldava ações dos indivíduos de Cantagalo aparece no processo de outro proprietário falecido. É o caso de Sabino José de Santa Ana, a quem o segundo processo por nós examinado faz referência. Sabino, que teve seu inventário aberto em 1865, era proprietário da fazenda do Bonfim, localizada na freguesia de N. Senhora da Conceição de Duas Barras do Rio Negro. O falecido era solteiro, deixou apenas filhos naturais e nomeou, como inventariante e tutor de seus herdeiros, Romualdo Rodrigues da Costa, vizinho cujas terras confrontavam com a fazenda do inventariado. Contudo, a morte de Sabino gerou conflitos entre os interessados no espólio. Um requerimento de setembro de 1865, emitido pelo escrivão da Justiça Leopoldo de Oliveira Pimentel, obrigava o inventariante Romualdo Rodrigues da Costa a entregar alguns dos escravos que estavam em seu poder ao herdeiro:

“[...] Matheus, Caetano, Lucas, pertencente ao seu quinhão, do inventário do seu falecido pai Sabino José de Santa Ana, de que foi inventariante, o citado Romualdo está por ter deixado de fazer a dita entrega à vista do formal de partilha de que lhe foi apresentado pelo mesmo herdeiro e que cumprirá sob pena de prisão.” (AMJERJ, inventário de Sabino José de Santa Ana, 1865).

A partir daí se exacerbam os conflitos em torno da herança do falecido. O escravo Caetano, trabalhador da lavoura, havia sido “emprestado” ao proprietário Silvestre Roiz da Silva em troca de cerca de um conto de réis. O contrato, firmado em 1865, obrigava o preto africano, de 45 anos, a trabalhar para Silvestre e não permitia que os herdeiros reclamassem as diárias do escravo. Caso este “adoecesse gravemente, morresse ou qualquer outra coisa impossibilitasse e interrompesse o trabalho”, o

contrato obrigava que Sabino providenciasse um novo escravo para o trabalho em terras de Silvestre, para que este não sofresse prejuízos na negociação. Silvestre prometeu devolver o escravo assim que recuperasse seu investimento com os jornais do mesmo e se obrigava a “dar de comer, cama para dormir e agasalho (...) como se fosse meu, e me obrigo a tratar suas moléstias de pequena consideradas indigestões, defluxos e outras destas, porém se fosse preciso médico e botica estas despesas serão da conta de Sabino” (AMJERJ, inventário de Sabino José de Santa Ana, 1865).

Certamente, quando não eram graves, inúmeros sinais e sintomas de doenças que assolavam as senzalas de Cantagalo nem ao menos eram registrados nos processos de inventários das fazendas ou nas receitas e notas de recibos dos médicos que circulavam na região. Apesar disso, com o exame dos documentos que foram incluídos ao longo do processo de inventário de Sabino José de Santa Ana, observamos como a questão da saúde do escravo – quando impossibilitava o trabalho – era uma variável importante na negociação entre os proprietários. Surgiam questões em torno da possibilidade de o trabalhador adoecer. No caso analisado, o contratante sofreria algum tipo de prejuízo se o escravo Caetano deixasse de se ocupar da roça, mas, para algumas moléstias “pequenas”, aquele se responsabilizaria e os proprietários de Caetano não precisariam se preocupar ou dispensar tratamento com médicos e remédios dos boticários. Esses relatos expõem como os diagnósticos das moléstias chamadas “indigestões” e “defluxos” deviam fazer parte da experiência do cativo. Em nenhum dos 45 escravos do falecido Sabino José de Santa Ana foi indicado algum defeito ou doença, mas as pistas contidas no contrato firmado entre Sabino e Silvestre indicam que esses dois males talvez fossem bem comuns naquele período e dificilmente recebessem acompanhamento de um médico ou boticário.

De acordo com Chernoviz, o tratamento para essas moléstias consideradas “pequenas” era simples; em seu dicionário, o médico indicou, para esse fim, ervas e alguns medicamentos. Contudo, era possível que surgissem sintomas mais graves resultantes da *indigestão*, tal como a apoplexia<sup>8</sup>, levando o doente à morte. A investigação dos sintomas relacionados ao termo “indigestão” apoia o quadro das moléstias que marcavam a rotina dos trabalhadores escravos nas fazendas de café.

---

<sup>8</sup> De acordo com Chernoviz, “apoplexia cerebral, ar, ramo de ar, ou estupor. Chama-se geralmente *apoplexia*, e mais particularmente *apoplexia cerebral*, uma congestão de sangue no cérebro, seguida ou não do derramamento d'este líquido na substância do cérebro, e cujo sintoma principal é a perda súbita, e mais ou menos completa, do sentimento e do desenvolvimento.” (CHERNOVIZ, 1890a, p.199).

“Os sintomas da indigestão simples são os seguintes: sensação de peso no estômago; depois, vontade de vomitar, soluços, arrotos ácidos ou acres. No fim de algum tempo, declaram-se vômitos e desenvolvem-se cólicas fortes, às quais sucedem evacuações alvinas mais ou menos abundantes, e no meio delas acham-se matérias alimentarias não digeridas. Em certas pessoas, nas mulheres e crianças, sobretudo, a indigestão pôde anunciar-se por um desmaio mais ou menos completo: em algumas há convulsões.” (CHERNOVIZ, 1890b, p. 225).

Ainda seguindo os conflitos narrados nesse processo, o inventariante Romualdo continuou se recusando a entregar os cativos e foi perseguido pelas autoridades policiais da Comarca de Cantagalo. Em outubro de 1865, foi encontrado pelos oficiais de Justiça em uma casa num lugar conhecido como Quilombo, localizado na freguesia N. Senhora do Monte do Carmo. O episódio da perseguição de Romualdo não pareceu ter sido uma tarefa fácil para as autoridades policiais: ao se aproximarem do esconderijo, o fugitivo resistiu com armas de fogo à tentativa de prenderem-no. Esboça-se, assim, um cenário de conflitos acirrados entre herdeiros e inventariante, o que teria produzido um clima ainda mais tenso entre os escravos do falecido Sabino. Com a indicação de que os gastos com os doentes cativos eram feitos apenas quando ocorressem moléstias mais graves, podemos sugerir que os escravos de Sabino, mesmo antes do falecimento do proprietário, já padecessem com a disseminação de diversas doenças.

Antes do falecimento de Sabino, encontramos pistas de que Romualdo já cuidava dos bens da família. Em fevereiro de 1865, pagou 65 mil réis a um médico para tratar da moléstia do proprietário da fazenda e de mais quatro doentes, provavelmente, cativos. No mês de setembro de 1866, encontramos a notícia da captura de um dos escravos fugidos, o preto Diogo. Em outubro de 1868, encontramos uma nota de consulta referente a tratamento com “bichas” para a escrava Joaquina. No mesmo ano, foram registrados mais gastos com médicos para a família do falecido e seus escravos. Vejamos as seguintes indicações relacionadas aos cativos:

“Junho - 30: consulta a um escravo (de cravo no pé)  
 Julho - 02: consulta ao escravo Honorato  
 Julho - 06: consulta a um “cabra” da tropa e a um escravo  
 Julho - 11: consulta ao mesmo escravo  
 Agosto - 03: consulta a uma cabrinha (que estava sifilítica)  
 Setembro - 15 e 25: receitas ao escravo Sebastiano  
 Dezembro: Francisco Joaquim Belmonte cobrava por consulta à escrava Joaquina (em agosto de 1867)  
 Dezembro: 9 bichas aplicadas à escrava Joaquina pelo Dr. Brancant

Dezembro: outra visita feita à escrava Joaquina (Dr. Beauclair)” (AMJERJ, inventário de Sabino José de Santa Ana, 1865).

Considerando que o cotidiano dos cativos de Sabino era estremecido rotineiramente pela disseminação de graves moléstias, podemos sugerir que Diogo tenha vislumbrado que a morte de seu senhor tornaria a vida na fazenda ainda mais árdua e a solução para uma vida melhor seria o recurso da fuga. Apesar disso, a fuga do preto foi temporária. Em 1866 foi capturado, em 1868 foi retirado da cadeia e vendido, quem sabe para evitar que incitasse a fuga dos seus companheiros de cativeiro.

De outro modo, analisando um terceiro processo de inventário *post-mortem*, o de Theresa Antônia dos Santos, observamos que os proprietários de escravos podiam manipular a atuação dos avaliadores nos processos de inventários quando da descrição das condições de saúde dos escravos. Com isso, revelam-se indícios interessantes sobre a relação dos avaliadores com as famílias dos falecidos e com os escravos inventariados.

Geralmente os avaliadores eram indivíduos livres, moradores das vizinhanças e remunerados para ocuparem a função que exerciam no processo. Contudo, nem sempre os inventariantes e avaliadores apresentavam nos registros as doenças dos escravos relacionados. Sobre essa possibilidade de não informarem sobre as precárias condições de saúde da escravaria nas propriedades, chamou-nos a atenção a discordância entre dois avaliadores no processo de inventário de Theresa Antônia dos Santos. O processo, iniciado em 1877, indicou como o primeiro avaliador, José de Sá Freire, apresentou seu parecer sobre uma das escravas da falecida Theresa Antônia dos Santos:

“Felismina, mucama, perfeita doceira e costureira muito fiel, com habilitações de tomar conta de uma casa, eu José de Sá da Silva Freira avalio ela por 2:200\$000 e o senhor José Joaquim de [?] Junior avaliou por 1:500\$000”. (AMJERJ, Inventário de Theresa Antônia dos Santos, 1877).

Já o segundo avaliador, José Joaquim, pareceu não ter concordado com o seu colega e contestou o valor atribuído à escrava Felismina:

“Mas atendendo ao físico raquítico de Felismina, a [?] sua tez e morbidez de sua saúde não me parece valer mais do que um conto e quinhentos mil réis”. (AMJERJ, Inventário de Theresa Antônia dos Santos, 1877).

De acordo com Fernando A. Alves da Costa, as relações estabelecidas entre herdeiros e avaliadores contratados nem sempre são problematizadas na historiografia, mas, em alguns casos, indícios sobre disputas e tensões travadas no momento da partilha dos bens de um falecido são registrados nos processos. Assim, “analisá-los contribui para o entendimento das complexas relações por trás da avaliação dos bens nos processos de inventários *post-mortem*” (COSTA, 2013, p. 8). Nesse caso, é possível preencher algumas lacunas ou levantar mais questões sobre as relações sociais estabelecidas na ocasião da abertura de um processo de inventário. Para o autor, a neutralidade dos avaliadores nem sempre era respeitada e muitos interesses contribuíam para a valorização ou depreciação dos bens inventariados, revelando, no conjunto de dados quantitativos, como esses indivíduos “estavam imersos nas teias das relações políticas, sociais e econômicas das sociedades em que viviam” (Ibidem, p.8).

Retomando o exame do processo de Theresa de Antônia dos Santos, o relato elogioso feito por José de Sá Freire à escrava Felismina indicou o seu empenho em valorizá-la. Já a contestação de José Joaquim revelou que a avaliação dos bens poderia ser conduzida por interesses diversos. Nesse caso, a discrepância nos valores atribuídos a Felismina desnudou os possíveis conflitos travados entre o primeiro e o segundo avaliador. É provável que o inventariante tivesse um acordo particular com o primeiro, José de Sá Freire, para que valorizasse o preço da escrava e pudesse auferir maiores lucros com a venda da cativa doente.

Avaliando mais detidamente o processo de Theresa, moradora da freguesia do Santíssimo Sacramento, podemos especular que a abertura de seu inventário inaugurava uma disputa acirrada pelos poucos bens da falecida entre os seus herdeiros. Com poucas páginas, o documento indicou-nos que seus bens mais valiosos eram seus escravos, não tendo sido encontrados registros de posse de terras. Em nossa análise, encontramos seis escravos adultos inventariados. Como apresentaremos na Tabela 1, a seguir, referente aos escravos do espólio, cinco eram crioulos e, sobre a naturalidade do outro, não temos indicação. Do total de cativos, dois escravos foram registrados sem valor algum. A escrava Florença, talvez por sua idade avançada, foi registrada como tendo “má aptidão para o trabalho”, sendo-lhe atribuído nenhum valor. Em outro caso, mesmo sendo muito jovem, a escrava Rosalina foi registrada também sem valor algum. No ano do falecimento de sua proprietária, encontramos a avaliação de Rosalina como tendo “boa aptidão” para o trabalho. Especulamos que ela tenha sido acometida por uma grave moléstia no momento em que o inventário foi aberto, logo, não pôde ser avaliada.

Considerando os indícios das condições de saúde dessas duas cativas, Florença e Rosalina, que certamente estavam muito doentes, supomos que os herdeiros tinham muito interesse em não perder mais nenhum escravo. Sobraram apenas quatro cativos para a partilha, logo, os interessados na divisão dos bens articularam estratégias para valorizá-los. Certamente a escrava Felismina estava muito doente; quando observamos os seus companheiros de cativeiro na ocasião da abertura do processo, ficam evidentes as precárias condições a que estavam expostos. A aparência mórbida de Felismina e o seu estado raquítico apontam para o fato de que a escrava vivia em um lugar insalubre, com alimentação precária, somada ao trabalho intenso a que certamente era submetida. Isso nos impele a pensar que seus companheiros de senzala também partilhassem das mesmas experiências.

Tabela 1. Perfil dos escravos de Theresa Antônia dos Santos

<b>Nome</b>	<b>Naturalidade</b>	<b>Cor</b>	<b>Idade</b>	<b>Ocupação</b>	<b>Valor</b>
Florença	Fluminense	Preta	60	Doméstica	Sem valor
Rosalina	Fluminense	Preta	8	Doméstica	Sem valor
Carolina	--	Preta	40	Doméstica	1:200\$000
Felismina	Fluminense	Parda	19	Mucama	2:200\$000
Lino	Carioca	Preto	40	Roça	1:800\$000
Tito	Fluminense	Pardo	18	Doméstico	2:000\$000

Fonte: AMJERJ, Inventário de Theresa Antônia dos Santos, 1877.

Observamos, de acordo com os dados analisados, que o estado raquítico de Felismina foi ignorado e, em sua avaliação no inventário de sua falecida proprietária, revelaram-se possíveis acordos e embates, uma tentativa frustrada dos herdeiros em lucrar com a partilha dos bens. Essa disputa pode exemplificar como as relações entre herdeiros e os seus avaliadores eram permeadas por múltiplos interesses. Em um período marcado pela alta no preço dos cativos e pela demanda de mais braços para as lavouras, muitos escravos claramente incapazes de exercer algum tipo de ocupação, registrados com “má aptidão”, eram transformados em trabalhadores saudáveis com “boa aptidão” para exercer as tarefas a que eram submetidos. Nesse jogo de interesses, a jovem escrava Felismina era uma peça valiosa, apesar de sofrer com os sintomas de alguma doença ou pelo cansaço do intenso trabalho que devia exercer na ocupação de doméstica. Logo, outra imagem dela foi construída para suprir os interesses de seus

herdeiros, transformando-a em modelo ideal de escrava para “tomar conta de uma casa” (AMJERJ, Inventário de Theresa Antônia dos Santos, 1877).

A abertura dos inventários dos proprietários de escravos Galiana (1862), Sabino (1865) e Theresa (1877) revelou-nos um amplo panorama das complexas relações sociais que permeavam o cotidiano dos indivíduos dessa região. Sem dúvida, a investigação da vida escrava, em um contexto econômico, social e cultural caracterizado pela ampliação das fortunas dos proprietários das áreas de grande lavoura cafeeira, traduzia as múltiplas estratégias empreendidas e as redes de relações que eram estabelecidas entre senhores, escravos, médicos, farmacêuticos e cirurgiões nas fazendas de Cantagalo do século XIX.

## Conclusão

No cenário econômico, político e cultural que se delineava no século XIX – período em que nos baseamos para reunir as informações relacionadas ao tratamento das doenças dos cativos –, Cantagalo destacava-se como importante produtor cafeeiro do Sudeste. Ao nos aproximarmos das *plantations* desse período, constatamos que as ricas propriedades, compostas por densas escravarias, não eram as únicas onde médicos e boticários circulavam intensamente. Os proprietários mais pobres, quando necessário, dispensavam gastos com os cativos doentes. Com a intenção de preservarem seus investimentos e expandirem suas riquezas, eles passaram a utilizar os serviços de médicos e farmacêuticos para tratarem as doenças mais graves de seus cativos.

Levando em conta que tais relações entre senhores, escravos e médicos eram dinâmicas e multifacetadas, apresentamos até aqui alguns aspectos dos conflitos travados entre esses personagens. A partir da observação desse conjunto de ações, pressupomos que a economia no campo, moldada pela expansão cafeeira, traduzia uma política de controle senhorial, levada a cabo também por intrincadas estratégias para manter a escravaria produtiva, ou seja, em condições favoráveis para a exploração e intensificação do trabalho. Tais estratégias eram perpetradas especialmente na segunda metade do século XIX. A expansão das fortunas dos senhores das áreas de grande lavoura revelava que, em um contexto econômico, social e cultural característico daquelas regiões, múltiplas estratégias podiam ser empreendidas e redes de relações eram estabelecidas entre senhores, escravos e médicos nas fazendas.

Ao explorarmos as informações sobre as precárias condições de saúde dos cativos, com destaque para as registradas nos processos de inventários *post-mortem*,

buscamos recuperar fragmentos de muitas histórias que permeavam as experiências dos escravos, mas que apresentam questões fundamentais para reconstruirmos esses mundos da escravidão que se desvelaram na importante paisagem social do Vale do Paraíba fluminense.

Nesse sentido, quando observamos os diversos sujeitos que seguiram o fluxo do movimento demográfico que caracterizou todo o Vale do Paraíba, verificamos que esses indivíduos contribuíram de diversas formas para transformarem as estruturas locais daquele regime moldado pela expansão escravista. Os conflitos entre senhores, escravos e médicos que narramos com a investigação dos inventários apresentados deixam esses aspectos em evidência. Dessa forma, salientamos que os cuidados dispensados para preservar a saúde dos cativos refletiam um conjunto de ações com o objetivo de garantir que a produção das *plantations* se expandisse. Para isso, os escravos precisavam estar em condições favoráveis de exercerem seus ofícios. Assim, tornou-se fundamental examinarmos algumas das estratégias que foram empreendidas pelos proprietários de Cantagalo para os cuidados com os doentes. Ainda que essas informações tenham aparecido de forma dispersa nos processos analisados, com o exame atento do conjunto da documentação é possível capturar o universo complexo das *plantations* de Cantagalo e verificar o papel de destaque que os médicos foram adquirindo nas fazendas locais ao longo dos oitocentos. A região foi palco de inúmeras histórias marcadas pela intensa exploração do trabalho escravo, histórias estas que produziram as dolorosas narrativas que conseguimos recuperar e discutir ao longo deste artigo.

\*\*\*

## Referências bibliográficas

### Documentos:

Arquivo do Museu da Justiça do Rio de Janeiro, AMJERJ:  
Inventário de Galiana Maria da Silva, 1862.  
Inventário de Sabino José de Santa Ana, 1865.  
Inventário de Theresa Antônia dos Santos, 1877.

-CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorias ...* 6. ed. consideravelmente aumentada, posta a par da ciência. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890a. v. 1. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/4>>. Acesso em: 1 nov. 2013.

- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 6. ed. consideravelmente aumentada, posta a par da ciência. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890b. v. 2. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/4>>. Acesso em: 1 nov. 2013.
- SMITH, Herbert Huntingdon. *Brazil, the Amazons and the coast*. Londres: S. Low, Marston, Searle and Rivington, 1879. p. 18. Disponível em: <<https://archive.org/details/brazilamazonscoa00smit>>. Acesso em: 17 maio 2014.
- PRÚSSIA, Adalberto da. *Brasil: Amazonas – Xingu*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1977.

### **Bibliografia:**

- COSTA, Fernando A. Alves da. E quanto valia, afinal? O problema dos preços nos inventários *post-mortem* do século XIX. *Histórica*: revista eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, n. 60, p. 8, dez. 2013.
- ERTHAL, Clélio. *Cantagalo: da miragem do ouro ao esplendor do café*. Niterói: Netpress, 2008.
- ERTHAL, Rui. A presença de dois distintos padrões de organização agrária moldando a região de Cantagalo, província do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, v. 10, n. 218 (34), 1 ago. 2006.
- LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. *Escravidão no Brasil*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.
- MARQUESE, Rafael de Bivar. Capitalismo, escravidão e a economia cafeeira do Brasil no longo século XIX. Conferência Internacional *New Perspectives on the Life and Work of Eric Williams*, realizada em 24 e 25 de setembro de 2011 no St. Catherine's College, Oxford University, Inglaterra. Disponível em <http://people.ufpr.br/~lgeraldo/textomarquese.pdf>. Acesso em 24 de março de 2014.
- \_\_\_\_\_. MARQUESE, R. B.; TOMICH, D. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (org.). *O Brasil Imperial. Volume II – 1831-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 339-383.
- \_\_\_\_\_. *Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SALLES, Ricardo. *E o Vale era escravo: Vassouras, século XIX – senhores e escravos no coração do Império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- SLENES, Robert. *Na senzala uma flor: Esperanças, e recordações na formação da família escrava*. 2. ed. corrigida. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- TOMICH, Dale. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial de café. In: GRINBERG, K. e SALLES, R. *O Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2010. v.2. p.342-343.
- VINHAES, Eliana Maria Gonçalves. *Cantagalo: as formas de organização e acumulação da terra e da riqueza local*. 1992. Dissertação (Mestrado em História)– Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.